

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek de. *Juscelino Kubitschek I (depoimento, 1974)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 1979. 15 p. dat.

**JUSCELINO KUBITSCHEK I
(depoimento, 1974)**

Ficha Técnica

tipo de entrevista: temática
entrevistador(es): Maria Victoria de Mesquita Benevides
conferência da transcrição: Tiago Coelho Fernandes
copidesque: Lucia Hippolito
técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes
local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil
data: 01/03/1974
duração: 40min
fitas cassete: 01
páginas: 15

Entrevista realizada no contexto da pesquisa "Trajetória e desempenho das elites políticas brasileiras", parte integrante do projeto institucional do Programa de História Oral do CPDOC, em vigência desde sua criação em 1975.

temas: Café Filho, Democracia, Eleições Presidenciais, Getúlio Vargas, Governo Getúlio Vargas (1951-1954), Juscelino Kubitschek, Minas Gerais, Partido Social Democrático, Política Estadual, Política Nacional

Sumário

Entrevista: 01.03.1974

A eleição de Vargas e a inquietação política; o suicídio de Vargas e a continuação do regime constitucional; entrada na cena política nacional; Diamantina; o sentimento democrático; a campanha para o governo de Minas: "Energia e Transportes"; conversa com Getulio e a oposição do PSD-RS; visita de Getulio Vargas a Belo Horizonte; reunião com Nereu Ramos e Etelvino Lins; a aliança PSD-PTB; indicação de Juscelino e Jango às eleições; posição dos militares; Café Filho; a candidatura e a "pacificação nacional"; críticas de Café Filho e resposta de Juscelino; campanha para a presidência; convenção do PSD em 1955; apoio de Clóvis Salgado p. 1-15

Entrevista: 01.04.1974

M.V. - Presidente, como tínhamos conversado hoje de manhã, o senhor se manteve na Presidência da República do começo ao fim do mandato, passando o cargo ao seu sucessor de acordo com as normas constitucionais. O seu governo aparece como um caso atípico de estabilidade política, num panorama de instabilidade política crônica. No entanto, era de se imaginar o contrário, pois seu governo começou justamente num período de grande instabilidade. Foi necessário um contragolpe preventivo das Forças Armadas para garantir a sua posse e o senhor teve de enfrentar crises militares no começo e no fim do período.¹ Uma série de problemas em política econômica e em política internacional levaria a crer que o seu governo não chegaria ao fim como chegou, mantendo a democracia, a liberdade de imprensa etc. A primeira pergunta que gostaria de fazer, então, é: o que sustentou sua candidatura em condições tão adversas, numa conjuntura política de intensa instabilidade após o suicídio do presidente Vargas, com dissidência interna no PSD, e com o veto militar contra toda candidatura que não fosse de união nacional?

J.K. – O tema que a senhora está me propondo é realmente muito interessante. Eu sou procurado constantemente, aqui na minha casa ou no escritório, por grupos, sobretudo de estudantes e de estrangeiros, para conversar sobre meu governo. Mas, de maneira geral, a ênfase que dão ao assunto é a do ponto de vista administrativo. Me parece que é a primeira vez que recebo uma jovem estudante que vem focalizar, exclusivamente, um dos temas que eu considero da maior importância. Deve ter sido para mim, perdoe-me a imodéstia, a glória do meu governo manter o regime democrático *malgré tout*, apesar de todas as tentativas de derrubar as instituições, o regime. E eu pude mantê-lo. Em 40 anos de vida republicana, eu fui o único governo civil que começou e terminou no dia marcado pela Constituição. Este é um dos títulos de maior benemerência para mim. Eu cito sempre, porque sei o que significou para mim de esforço continuado, de vigilância, para não deixar que se ferisse a Constituição. Quer fazer alguma pergunta, ou eu vou falando?

¹ O “episódio Mamede” (02/11/1955) provocou a intervenção do General Lott; foi o “golpe preventivo” de 11 de novembro – deposição do presidente em exercício, Carlos Luz – “legitimado” pelo Congresso no mesmo dia, consolidado a 21 de Novembro, quando Café Filho foi igualmente impedido pelo Exército de retornar ao governo e quando o STF negou-lhe o mandado de segurança. As crises militares do começo e do fim do período foram o levante de Jacareacanga (jan/fev/1956) e o de Aragarças (dez/1959) e seus desdobramentos.

M.V. – O que eu gostaria de saber se refere à própria situação da candidatura, que, em condições tão instáveis, predisponha a uma derrota. E, no entanto, apesar de não ser por ampla margem, o senhor venceu.² Gostaria de saber o peso que teve a aliança PSD-PTB; em que medida a aliança PSD-PTB representou um apoio efetivo para sua candidatura em condições tão desfavoráveis.³

J.K. – Para compreendermos o sentido político do meu governo, temos que remontar um pouco a fatos anteriores. Deve se lembrar que, quando Getúlio foi eleito, já houve um grande movimento contra ele, mas ainda predominou o sentimento civilista, e o próprio Exército garantiu a sua posse. Mas àquela altura, o movimento de 1945, que determinara a deposição de Getúlio, continuava latente, muito explorado pelos políticos civis, de modo que havia uma inquietação muito grande. Aquela inquietação que Oliveira Viana, nos seus estudos sócio-políticos, descreveu muito bem como a preocupação dos políticos de baterem às portas dos quartéis para resolverem seus problemas; naturalmente, sempre com a esperança de que, depois, os militares lhes devolvessem o poder – como vinha acontecendo regularmente no Brasil.

Quando Getúlio foi eleito, o mesmo movimento de 1945 que o depôs levantou novamente a cabeça e houve uma agitação enorme no sentido de impedir sua posse. Mas predominou o espírito legalista dentro das forças armadas e Getúlio tomou posse. Mas o movimento continuou. Havia políticos, líderes civis que foram agitadores extraordinários. Havia líderes de oposição, na época, no Brasil, que acredito que em nenhum país do mundo existissem iguais. Vou citar um exemplo: Carlos Lacerda. Se percorrermos toda a paisagem política do mundo àquela época, nenhum líder tinha a capacidade do Carlos Lacerda para

² JK foi eleito com 36% do total de votos em todo o país.

³ Dificilmente um candidato à presidência de República enfrentou uma campanha eleitoral em situação tão desfavorável: as dificuldades inerentes à aliança PSD/PTB, a dissidência interna no PSD, a tentativa de veto militar a Juscelino e Goulart, a oposição civil liderada pela UDN, com apoio de importantes setores da imprensa, a tese de “união nacional” defendida inclusive pelo presidente Café Filho, a candidatura de Ademar de Barros, que ameaçava a força do eleitorado petebista, principalmente em São Paulo; a comissão de inquérito para apurar os bens do candidato e até mesmo um projeto de *eleição indireta*, foram cogitados pela oposição parlamentar.

empolgar a opinião pública, para agitar e conseguir reunir em torno de si a atenção, o interesse, do mundo civil, do mundo militar.

Além disso, havia também o descontentamento que lavrava sempre no meio militar – entre os que ficaram contra Getúlio e os que o apoiaram. Infelizmente Getúlio não soube contornar as dificuldades que surgiram em seu caminho. Em 1954, vimos que o suicídio de Getúlio conseguiu manter a Constituição, porque ele já estava praticamente deposto – à frente de seu governo já estava um vice-presidente inteiramente solidário com a UDN; tinha-se transformado num udenista⁴. Mas, com o suicídio, o trauma, o choque que a nação levou foi tão forte, que a Constituição sobrepairou e o regime constitucional continuou.

Nesta altura, começou verdadeiramente a minha entrada em cena na vida política nacional. Eu havia sido eleito governador na mesma época em que Getúlio foi eleito presidente da República. E já sentindo as dificuldades que pairavam sobre o país, fui à Itu, a fazenda de Getúlio no Rio Grande do Sul, para conversar com ele. Ele, eleito presidente da República e eu, governador de Minas.⁵ Mas, àquela altura, ele era nosso adversário pois nosso candidato era Cristiano Machado⁶. Fui ao Rio Grande do Sul conversar com Getúlio para lhe dizer o seguinte: “Presidente, eu sou um homem realmente democrata. As minhas origens democráticas vêm de muito longe, porque venho das camadas mais modestas da sociedade brasileira.”

Todo mundo conhece a minha história e sabe que fui educado apenas pela minha mãe porque meu pai morreu quando eu tinha um ano de idade. Minha mãe lutou de uma maneira formidável para ter a glória de ter um filho que saiu descalço de sua terra natal e chegou até o Palácio do Catete. E viu a posse dele como presidente da República... E, vindo dessas camadas modestas, humildes, eu tinha o sentimento de muita equidade, de muita justiça, a preocupação de não ferir ninguém, de não praticar nada que pudesse ser acimado de injusto e amando, acima de tudo, a liberdade.

⁴ A 21 de agosto, Café Filho sugeriu uma renúncia dupla a Getúlio, para que o Congresso elegeisse um interino; Getúlio recusa e Café rompe publicamente com ele a 23 de agosto, denunciando a proposta em discurso no Congresso.

⁵ Ambos eleitos a 03/10/1950. Getúlio obteve 48,7% do total dos votos no país e JK derrotou o udenista Gabriel Passos (que contava com o apoio velado de Getúlio e o ostensivo de Milton Campos, então governador do estado) por ampla margem de votos.

Essas cidades antigas de Minas têm uma história; foram sempre centros cívicos formidáveis. Oito ou dez cidades, durante mais de um século, recolheram a vida de Minas Gerais. Não apenas a vida cívica, espiritual, como também a vida econômica. Não havia transportes, não havia comunicações; estas cidades viviam inteiramente isoladas no interior do estado. Para se comunicar com o Rio de Janeiro, era no lombo dos burros, em tropas que levavam 30, 40 dias para trazer ou levar alguma coisa da capital do país. Então, elas foram obrigadas a organizar sua vida como se tivessem que viver isoladas. E passaram a fundar colégios, escolas normais, centros de oratória – como na antiga Grécia, não é? – ateneus, clubes literários. Passaram a ter uma vida intelectual muito viva, muito bonita.

Diamantina foi um dos maiores centros. De 1720 até praticamente a Independência, Diamantina foi um centro extraordinário de irradiação de cultura, e a cultura daquele tempo se fazia na base do amor à liberdade. Por uma razão simples: éramos colônia, e o primeiro sentimento é o de independência, e esse sentimento se confunde inteiramente com o de liberdade. A liberdade é uma palavra que está integrada inteiramente no vocábulo *democracia*, governo do povo. Aquilo começava a trabalhar cedo a mentalidade dos jovens daquele tempo. Diamantina vivia sob um regime especial, porque a mineração constituía o poder econômico da região.

Portugal, para aumentar suas rendas, fez um regime especial, segundo o qual alguém que fosse encontrado com um diamante na mão sofria pena de morte. Tudo o que se tirava de Diamantina, em ouro e diamantes, era conduzido para Lisboa. Calógeras, nos seus livros, relata que, entre 1750 e 1850, foram retirados de Diamantina cerca de 70 toneladas de ouro, que foram todas para Portugal, e mais de três milhões de quilates de diamantes.

Em 1755, quando houve o terremoto de Lisboa em que a cidade foi quase toda destruída – só ficou o Alfama, que é um encanto – o Marquês de Pombal reconstruiu Lisboa com ouro e diamantes de Diamantina. Mas, para isso, tinha que fazer um regime especial, para sugar toda essa produção para eles. Daí o regime terrível que vivemos lá, o “regime do Livro da Capa Verde”, que era o livro no qual estavam contidos os dispositivos legais que Portugal tinha imposto ao Brasil. Uma vez, em praça pública, a primeira revolta

⁶ É muito pouco provável que JK tenha apoiado Cristiano; os líderes do PSD mineiro fizeram um compromisso com Getúlio, o que garantiu-lhe a vitória neste estado, por pequena margem a mais que Cristiano, e pequena margem a menos que o Brigadeiro.

diamantinense foi queimar esse livro, como os franceses que, antes da Revolução, queimaram, em primeiro lugar, a Bastilha.

Esse sentimento se foi desenvolvendo. Assim, quando perguntam porque desenvolvi esse sentimento democrático: eu bebi isso no leite, no café, no ar de Diamantina, nas serenatas da minha terra. Eu aprendi esse sentimento de liberdade e guardei com tanta força que, quando a providência, o destino me trouxe ao palco...

Primeiro, o palco municipal, em Belo Horizonte, onde fui prefeito. Eu fui prefeito de Belo Horizonte durante a guerra. Nós estávamos em plena ditadura. Eu fui para a prefeitura, mas não comungava de maneira nenhuma as idéias que predominavam no Estado Novo⁷. E não tinha como manifestar. Então, os ingleses resolveram fundar no Brasil uma Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa. E essa sociedade me escolheu, em Belo Horizonte, para presidente. E, na noite da inauguração – foi minha primeira manifestação de hostilidade aos regimes de força – instalada a sociedade cultural, que nada tinha a ver com o movimento político, eu disse: “Aceitei este cargo, porque a Inglaterra, hoje, representa o anseio, todo o sonho de liberdade da humanidade. É por isso que estou aqui. Para a Inglaterra se deslocou aquilo que, na França, gerou o movimento que derrubou todas as tiranias, a Revolução Francesa.”

Esse discurso causou uma impressão terrível no meio do governo. Benedito Valadares era o governador. Eu comecei minhas manifestações democráticas. Cada vez que tinha uma oportunidade, eu forçava a nota. E meus amigos aconselhavam: “Prudência, Juscelino, você está se comprometendo”, aquela coisa. Mas eu insistia na tecla.

Afinal, fui para o governo de Minas Gerais. No fim de seis meses – com aquela movimentação que eu fazia pelo interior do estado – já todo mundo proclamava: “Para presidente, Juscelino”. E começou cedo minha candidatura. Nessa época, Dutra era presidente da República⁸. E Dutra – eu lhe faço essa justiça – foi um presidente militar, mas

⁷ JK nunca perdeu uma oportunidade para justificar sua atividade política no Estado Novo, explicando que aceitara o cargo com a promessa explícita de Benedito Valadares – que o nomeara, a 16 de abril de 1940 – de que Getúlio anunciaria eleições livres naquele mesmo dia.

⁸ Há uma pequena confusão de épocas; aqui JK se refere ao período de sua campanha para o governo de Minas, quando Dutra era presidente e ele, deputado federal pelo PSD mineiro. Quando foi governador de Minas, era Getúlio o presidente.

poucos civis respeitaram tanto a Constituição quanto ele; sob este aspecto, foi um governo realmente modelar.

Em Minas, como candidato a governador, fiz toda a minha campanha política na base da democracia: “Precisamos fortalecê-la, para que não venha mais o ocaso, como já assistimos, e depois a ressurreição. A ressurreição pode demorar, vamos consolidar a democracia. E como se consolida a democracia? É uma obra cultural que se realiza através do desenvolvimento. Porque, sem dinheiro, não há educação, não há recursos, não há meios de se fazer coisa alguma. E nós vamos fazer o desenvolvimento. Essa pobre Minas Gerais tem dez milhões de habitantes e só 200 mil Kw de energia, é uma tristeza. Isso não dá para tocar um moinho, quanto mais para fazer um parque industrial... Estradas, não dispomos de nenhuma.” Realmente não tínhamos uma estrada em Minas Gerais. Eu criei o binômio “energia e transporte”. Foi a primeira vez que surgiu, no Brasil, a idéia de um programa simbolicamente resumido em duas palavras.

Lutei muito. Fui eleito, Getúlio também, e foi quando eu fiz aquela viagem ao Rio Grande do Sul, à qual já me referi, para dizer a Getúlio: “Darei todo o apoio do governo mineiro para que o senhor possa cumprir o seu governo dentro das normas democráticas. E eu quero ter uma conversa franca com o senhor, presidente. Eu sou seu amigo particular, mas nunca fui seu correligionário. Nunca fui um homem que gostasse do Estado Novo. Como o senhor enxerga o Brasil hoje, sob este aspecto? O senhor não se aborreça com a minha franqueza. Eu quero dar-lhe o meu apoio, mas um apoio consciente, firme, porque o senhor vai precisar dele”. Ele disse: “Hoje, reconheço que só fui eleito presidente da República, porque predominou no Brasil uma força que se chama democracia. Fui eleito pelo povo e serei fiel à democracia, ao regime democrático. Vou defender integralmente a Constituição, com todo o vigor, o senhor não tenha nenhuma dúvida, governador. Se é esta a dúvida que o senhor tinha, terei o seu apoio total”.

Bem, eu voltei. O PSD do Rio Grande do Sul ficou indignado com a minha ida à Itu, porque eles tinham combatido muito o Getúlio, e a luta política no Rio Grande do Sul era muito intensa. É possível que daí tenha surgido o aborrecimento deles comigo.⁹

⁹ A bancada pessedista do Rio Grande do Sul foi contra a indicação de JK para candidato na convenção do partido em fevereiro de 1955.

Voltei a Minas, e sempre com a mesma tecla. Antes de Getúlio se suicidar, no dia 24 de agosto, ele esteve em Belo Horizonte, em 12 de agosto: foi a última vez que ele saiu. Eu lhe prestei uma homenagem muito grande; ele ficou altamente comovido. Quando marcaram a viagem dele, Amaral Peixoto e Alzirinha¹⁰ vieram pedir-me para adiar a festa de inauguração do Mannesmann, que Getúlio iria presidir. Tentei adiar. Pedi a Tancredo Neves, que era ministro da Justiça, para ir ao Palácio do Catete às 11 horas da noite, na véspera da inauguração, para pedir a Getúlio que adiasse, porque tinha havido uma encrenca nas máquinas, e não haveria inauguração.

Getúlio perguntou a Tancredo: “O governador está com medo de me receber?” Naquela época, estava um temporal em cima dele.¹¹ Tancredo – muito meu amigo – respondeu generosamente: “Presidente, o senhor deve reconhecer que, se há um homem que nunca teve medo de nada neste mundo, é Juscelino. É que realmente aconteceu lá essa coisa...” Getúlio disse: “Não; se é essa a razão, se não é medo, eu vou”. Eu tive que telefonar para a Alzirinha e Amaral dizendo: “O presidente vem, e acho que ele faz bem; ele não deve adiar essa viagem. O fato de ele não vir é que pode agravar mais sua situação”.

Getúlio foi, e o recebemos apoteoticamente. A última alegria que ele teve na vida foi essa. Em seu discurso, ele acentuou seus propósitos democráticos.

Bem; passou o temporal. Dias depois do suicídio de Getúlio, Nereu Ramos¹² – isso é um fato inteiramente desconhecido – me convidou para uma reunião na casa dele, com Etevíno Lins. Eu vim de Belo Horizonte para essa reunião. Nereu presidia a reunião, e não disse uma palavra, deixou Etevíno falar o tempo todo. Etevíno fez uma série de considerações, para chegar à proposta de que deveríamos adiar as eleições de 3 de outubro. Isso foi nos primeiros dias de setembro. Dizia Etevíno que não havia possibilidade para as eleições, por causa da agitação que havia no país, dos traumas por que o país tinha passado. Ele disse que já havia conversado com elementos da UDN – todos estavam de acordo – e

¹⁰ Ernâni do Amaral Peixoto e Alzira Vargas do Amaral Peixoto.

¹¹ A crise se tinha agravado dramaticamente com o atentado, no dia 5 de agosto, contra Carlos Lacerda; no dia 10, oficiais liderados por Eduardo Gomes e Juarez Távora, exigiram que o ministro da Guerra, general Zenóbio da Costa, solicitasse a renúncia de Getúlio; o ministro recusou.

¹² Nereu Ramos, na ocasião, era senador pelo PSD.

queria fazer-me um apelo.¹³ Aí eu disse: “Olhe, governador – ele era governador de Pernambuco – lamento profundamente, mas não posso transigir com isso. E lutarei com todas as armas que tenho e que, felizmente, são fortes. Lamento, mas não posso transigir. O adiamento das eleições significará um retrocesso no Brasil, que foi interrompido com a eleição de Getúlio, e que poderá novamente destruir a democracia e o regime constitucional”. Eu governava Minas Gerais, que era politicamente forte e bem organizado, do ponto de vista de polícia. Nós tínhamos uns 30 mil homens, não era possível vir brigar comigo, não. E, por causa disso, destruí aquele movimento inicial, e as eleições se realizaram a 3 de outubro.

Passados uns dias, no final de outubro, Tancredo Neves foi a Belo Horizonte para falar comigo. Veja bem como funcionou o regime democrático. O João Goulart, que tinha recebido a carta-testamento de Getúlio, candidato a senador pelo Rio Grande do Sul, fora derrotado. Ficou numa frustração terrível e foi para Buenos Aires; abandonou tudo. Osvaldo Aranha¹⁴ passou a liderar o PTB e, em virtude dessa liderança, mandou Tancredo a Belo Horizonte, para me dizer que se nós quiséssemos fortalecer o regime democrático e enfrentar a onda que havia passado e a que estava se avolumando, precisávamos de uma aliança muito poderosa entre os dois partidos. E esta não valeria nada, se não tivesse à frente um homem com muita coragem para enfrentar todos os temporais que iriam surgir. Perguntou se eu estaria disposto a topiar essa parada. Eu mandei dizer a Osvaldo que aceitaria, e até sentiria como um privilégio, uma honra, mas tinha que consultar primeiro o meu partido, não podia ser candidato sem consultar o PSD.

Dias depois, vim ao Rio e chamei Amaral Peixoto, que era o presidente do PSD,¹⁵ e ele começou a fazer as consultas. Esbarramos logo em três dificuldades: Pernambuco, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.¹⁶ Amaral dizia: “Isso enfraquece muito o PSD; perdemos três estados, mas não é razão para recuarmos”. Eu dizia: “Absolutamente não é; e nós

¹³ Café Filho relata, em suas memórias, ter sido procurado por uma comissão de líderes pessedistas, incluindo Nereu Ramos, para que adiasse as eleições de 3 de outubro de 1954 (Câmara e Senado). *Do Sindicato ao Catete*, 2º vol., p. 470.

¹⁴ Osvaldo Aranha deixara o Ministério da Fazenda logo após o suicídio de Getúlio.

¹⁵ Ernâni do Amaral Peixoto foi presidente do PSD de 1952 a 1965.

¹⁶ Havia dissidência no PSD mineiro, liderada por Carlos Luz. Nereu Ramos chegou a ser cogitado para a presidência. Outros nomes de “união nacional”: Mílton Campos, Juarez Távora e o próprio Etelvino Lins, principal líder da dissidência, em Pernambuco.

vamos trabalhar nesses estados o eleitorado que vota mesmo; vamos ver se estão atendendo à palavra de ordem dos chefes, vamos ver se conseguimos trazer o eleitorado para nós”.

Houve aquelas peripécias todas, mas eu fui indicado pelo diretório. O estatuto estabelecia o seguinte: primeiro, o diretório central do partido se reunia – era o comando geral do partido, cada estado tinha seu representante – e escolhia os candidatos para apresentar à convenção do partido. Muito debate, muita luta lá dentro.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

J.K. - Etelvino conseguiu impor aos dissidentes do PSD um esquema da “união nacional”, no qual ele sairia candidato à presidência. Contava, inclusive, com o apoio da UDN.

Uma das maiores dificuldades para articular a aliança com o PTB, era a hostilidade de setores mais conservadores do PSD em relação ao nome de Jango. Mas eu sabia que uma aliança com o PTB era imprescindível; somente uma aliança muito forte poderia enfrentar a oposição e sair vitoriosa; e somente com um candidato que conseguisse a reconciliação entre o voto rural do PSD e o voto urbano do PTB. Foi por isso que insisti no nome de Jango para a vice-presidência; como candidato, tinha que pensar em termos de cálculo político e isto me obrigava a uma aliança com o PTB. No PTB, o nome de Goulart era o que reunia maiores possibilidades.

Mas a situação piorava a cada instante. Em fins de janeiro de 1955, o presidente Café Filho leu pelo rádio um documento no qual os chefes militares advertiam contra o perigo de uma campanha eleitoral.¹⁷ É claro que esse memorial dos chefes militares significava uma grave tomada de posição contra o processo democrático de disputa eleitoral. Antes de Café tornar público esse documento, estive no Catete, acompanhado pelo senador Artur Bernardes Filho, para conversar com o presidente sobre os problemas

¹⁷ Assinaram o memorial: o marechal Mascarenha de Moraes, os generais Teixeira Lott, Juarez Távora, Canrobert Pereira da Costa, Álvaro Fiúza de Castro; os almirantes Edmundo Jordão Amorim do Vale e Saladino Coelho e os brigadeiros Eduardo Gomes e Gervário Duncan de Lima Rodrigues. É interessante notar que, destes nomes, quatro eram possíveis candidatos: Lott, Juarez, Canrobert e Eduardo Gomes.

em torno da sucessão presidencial. Fui como candidato e saí como candidato, mas esse encontro teve uma repercussão formidável, o que, de certa forma, precipitou muita coisa.

M.V. – Presidente, a questão de sua candidatura é justamente o início de meu trabalho. Essa problemática do veto militar, do esquema proposto por Etelvino Lins, a pretensa candidatura de união nacional e a dissidência interna do PSD – os três diretórios – e, como o senhor falou, houve até um problema no interior do próprio PSD mineiro. Foram fatores que levaram à uma conjuntura desfavorável. Eu gostaria de saber como a sua candidatura conseguiu manter-se e sair vitoriosa.

J.K. – Como eu estava dizendo, saí da reunião com Café Filho, que teve uma significação formidável, as manchetes de jornais e tal. Houve um pequeno acidente a que vale a pena fazer referência, porque Café explorou muito, depois. Eu disse : “Com relação à pacificação nacional, Café, estou inteiramente de acordo com você, com o manifesto,¹⁸ não tenha dúvida. Mas só nessa parte, na outra não. Quanto às candidaturas, o regime tem que funcionar, tem que ser o seguinte: quem tiver condição de se candidatar, que seja candidato”. E fizemos Arturzinho redigir uma nota. Nós concordamos com a nota, e eu saí. E pensava: “Publico essa nota e explico”. Quando cheguei ao meu apartamento, encontrei os jornalistas, Amaral Peixoto, toda a turma. Quando eles leram a nota, disseram: “Essa nota aqui, Juscelino, está um pouquinho duvidosa, essa redação dá a impressão de que você concordaria em afastar sua candidatura, no caso da pacificação nacional”.

M.V. – Café Filho relata esse caso em suas memórias...

J.K. – Então, José Eduardo Macedo Soares, que estava lá na reunião, e que era muito sagaz, um grande repórter político, disse: “Olhe, governador, isso aqui é um perigo, o senhor tem que modificar isso”. Eu olhei e disse: “Você tem razão”. Telefonei para Artur Bernardes e

¹⁸ JK se refere ao manifesto dos chefes militares, que Café Filho lhe mostrara e que, aliás, já transpirara na imprensa.

disse: “Olhe, Artur, há um problema aqui, eu vou modificar a nota. Eu queria entender-me com Café, mas não consigo falar com ele. Vou modificar a nota nesse ponto”. Modifiquei umas duas palavras, mais ou menos, enfatizando que mantinha minha candidatura.

Mas antes, houve outro episódio. Na passagem de ano, estava em Belo Horizonte, e fiz um discurso para o povo mineiro, com aquela frase que ficou famosa – eu vi que a situação estava encrespando para cima de mim: “Deus poupou-me o sentimento de medo”.

[FINAL DA FITA1-A]

JK - Aí eles viram logo que não era bravata. Eu apenas estava dizendo que poupou mesmo.

Passados uns dias, estava no Palácio da Liberdade, quando um amigo me telefonou, dizendo: “O senhor ouviu o discurso de Café Filho na ‘Hora do Brasil’?” Eu respondi: “Não, eu não tenho o hábito de ouvir a ‘Hora do Brasil’”. Ele disse: “Pois ele fez um discurso gravíssimo e fez acusações ao senhor”.

Passei um tempo enorme para conseguir uma cópia do discurso. Só às dez horas da noite é que eu, lá de Belo Horizonte, consegui a cópia na Agência Nacional, no Rio. Então, escrevi uma declaração em que eu repudiava Café, e telefonei para Álvaro Lins, que era o redator-chefe do *Correio da Manhã*. Eu disse: “Álvaro, tenha paciência, mas veja se segura o *Correio*; vou dar uma entrevista perigosa, vou abrir mesmo o negócio. Se você puder segurar o jornal para eu dar essa entrevista...” Ele disse: “Olhe, Juscelino, já passou até da hora – eram 11 e tanto da noite –, mas eu fico aqui no jornal até amanhecer, e você vai dar essa entrevista. Ou você dá essa entrevista hoje, ou sua candidatura está morta, com o discurso de Café”. E eu comecei a entrevista, violento: “Não é verdade o que afirma o presidente da República...” Era o mesmo que dizer que o presidente da República estava mentindo, não é? E fui por aí, desdizendo, desdizendo... e repeti a minha frase: “Já disse, na passagem do ano, ao povo mineiro, que Deus poupou-me o sentimento do medo. Isto me leva a continuar com a bandeira na mão. E esta irá comigo até o Catete. A menos que me matem no meio da jornada”. Uma coisa assim, negócio violento.

No dia seguinte, quando saiu publicada no *Correio da Manhã*, a entrevista, na primeira página...

M.V. – Só no *Correio*?

J.K. – Só no *Correio*. Foi um estrondo; todos comentavam. Os políticos e o meio militar também, porque os militares viram que estava ficando uma parada difícilíssima. Eles viram que eu estava decidido mesmo. Como eles iriam a Minas me tirar do governo só porque eu era candidato? Não tinham força moral nenhuma para fazer um ato desses. Nas lutas, há um aspecto muito importante, que é o aspecto moral. A gente só pode travar verdadeiramente uma luta para ganhar, com o lado moral para si. Não é só o lado moral, mas também a força material. E isso eu também tinha. Nós tínhamos lá 30 mil homens que eu comandava, eu fazia parte deles,¹⁹ contava com a fidelidade deles, vinha tudo morrer comigo, tudo jurado...

Depois que dei essas declarações, fiquei esperando a reação do Café. Ele não deu uma palavra, nenhuma resposta. E eu fiquei curiosíssimo: “O que significará isso? Será um plano, uma estratégia?” E fiquei vigilante.

No dia em que publicaram a entrevista, chamei Alkmin: “Alkmin, você vai fazer um discurso na Câmara – o líder era Capanema, mas ele não gostava muito dessas coisas – rebatendo Café, para ficar nos anais da Câmara. E eu vou fazer um discurso na sede do partido, em que vou também abrir esse problema”. Aí é que eu vi realmente que tinha empolgado a opinião pública com esse negócio de democracia. Estava todo o mundo certo de que eles iam dar o golpe, não iam permitir minha candidatura... E na hora em que falei: “Não me pedem uma paz política, impõem-me uma capitulação. Mas isso eu não farei”, o delírio foi de tal maneira que, durante meia hora eu fiquei calado. Pensei: “Conflagro esse país de norte a sul com esse negócio de democracia”. E disse também: “A duração da democracia no Brasil está condicionada à duração da minha candidatura”.

Eram frases assim, que davam o colorido da campanha. Essas frases eram repetidas em manchetes pelo Brasil inteiro. Começou a colorir bem a campanha. E eu, então, resolvi

¹⁹ JK fora oficial médico da Força Pública de Belo Horizonte.

visitar todos os diretórios estaduais do partido nas capitais dos estados, para agradecer o apoio dado à minha candidatura e também para fazer ebulição. Fui do Amazonas ao Rio Grande do Sul. Eu era governador de Minas Gerais e só podia ficar ausente do estado sete dias. Fazia então vários programas de cinco dias cada um, tudo isso debaixo de um ambiente de enorme tensão.

M.V. – Isso foi no começo de 1954?

J.K. – Não, isso foi no fim de 1954, começo de 1955. Eu me lembro de que, numa pequena cidade do Amazonas, eu estava caminhando para a praça para fazer comício, e me disseram: “A rádio está noticiando que o senhor foi intimado pelos militares a interromper a sua campanha política, e que ou o senhor acede ou será preso”. Respondi: “Não sei se é verdade, mas vou dizendo que não há força humana que me tire da campanha, a não ser morto. A bandeira que trouxe levarei até o Catete. Eu respeito a democracia e a Constituição”.

Quando cheguei em Manaus, a cidade estava cheia de oficiais da polícia. Como eu era oficial da polícia mineira, houve uma solidariedade muito grande da polícia dos estados comigo. Estava a oficialidade toda lá. E o pessoal que estava comigo disse: “Puxa, nós pensamos até que fosse a independência...” [risos]

E assim, a coisa foi se desenvolvendo, até que eu terminei o programa e me preparei para a convenção, que foi realizada a 10 de fevereiro. Na hora da convenção, o país já estava empolgado pela idéia democrática, a idéia do respeito à Constituição. E eu dizia: “Quero que venham outros candidatos, não quero ser apenas um candidato”, etc.

Como eles martelavam muito a tecla do candidato único, fiz um apelo sabe a quem? A Plínio Salgado! Para ele apresentar e manter sua candidatura, convencendo-o de que sua candidatura fortaleceria a posição democrática no Brasil. Eu sabia que ele iria candidatar-se, e pedi a um amigo meu que era correligionário e muito amigo dele: “Explique a Plínio qual é a situação do Brasil. Eu estou sozinho enfrentando essa onda toda. É mais fácil tirar um candidato – na opinião deles – do que se houver mais de um candidato. Se Plínio vai ser

candidato, que ele se lance logo”. E ele foi formidável, dizendo: “Juscelino tem razão, isso vai fortalecer a posição democrática no Brasil”. Que coisa engraçada, não é? Veja como são as coisas... E Plínio lançou sua candidatura; assim, não havia mais possibilidade de candidato único. Nós éramos dois, se tirassem um, teriam que tirar o outro. Era muito complicado.

No dia 10 de fevereiro, Peracchi Barcelos²⁰ foi o orador da oposição. Levantou-se contra a minha candidatura. Mas Vieira de Melo²¹ fez um discurso, com aquele seu brilho...

M.V. – Foi seu líder mais tarde, na Câmara...

J.K. – É; foi meu líder no Congresso. Ele era um orador fulgurante, sabia arrancar aplausos. Foi um delírio na Convenção, uma beleza. Quando terminou, recebi uma apoteose, mas meu discurso foi de poucas palavras: “Recebo essa bandeira, que levarei até o Catete. Nada impedirá o meu caminho. Nem a violência, nem as manobras, nada. Deus confiou-me uma missão a realizar no Brasil”.

Eu estava consagrado candidato. Fiquei ainda no governo de Minas até fim de março. No dia 30 de março, renunciei, de acordo com a Constituição. Para renunciar, chamei Clóvis Salgado, que era meu vice-governador, e disse: “Clóvis, eu tenho uma responsabilidade terrível com o Brasil. Eu já empolguei o país todo com essa idéia de democracia...” Clóvis, muito meu amigo, muito solidário. Eu disse: “Vou ter que renunciar, e eles vão fazer tudo para impedir as eleições. Você vai ter que ficar com essa defesa aqui nas mãos. Porque, sem o apoio de Minas, meu velho, minha candidatura desmorona, não tenha dúvida”. Disse Clóvis: “Juscelino, pode ir tranquilo. Não é você que é candidato, quem é candidato é Minas Gerais. Eu estarei aqui intransigente. E não há outra possibilidade, se você for eleito, vai tomar posse. Agora nós vamos trabalhar para sua eleição, porque ninguém vai espoliar Minas, nem impedir sua candidatura e nem tampouco roubar sua eleição”.

²⁰ Valter Peracchi Barcelos, líder da dissidência do PSD gaúcho.

²¹ Tarcísio Vieira de Melo, PSD (BA), deputado federal, líder da maioria na Câmara até meados de 1959, quando foi substituído por Armando Falcão, PSD (CE).

Realmente formidável, Clóvis; é um dos homens mais dignos do Brasil. Correto, de caráter, sereno, sem nenhuma bravata, um homem admirável.²²

Vim para o Rio com a retaguarda tranqüila, e comecei minha campanha. Essa campanha foi realmente o que houve de mais terrível no Brasil, você não faz idéia.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

²² Clóvis Salgado da Gama (PR/MG) foi ministro de Educação do governo Juscelino Kubitschek durante todo o período.